Após o primeiro caso, é a hora da precaução

RICARDO HOLANDA
Da Editoria de Política

O Senado já se preparou para proteger seus 72 senadores e cinco mil funcionários da Aids. O diretor do Serviço Médico, Cid Nogueira, disse que se comunicou com a direção do Hospital Emilio Ribas, da Universidade de São Paulo, — que tem uma ala de isolamento para aidéticos —, precavendo-se para a necessidade de enviar para tratamento qualquer um dos parlamentares, funcionários e dependentes que venham a ser vitimados pela doença. Nogueira garantiu que os médicos do Senado ainda não constataram algum caso de aidético. “Mas você acha que se um senador fosse homossexual e aidético eu iria lhe dizer?” — indagou o diretor.

A preocupação com a Aids é assunto nas conversas informais nos altos círculos políticos da República. A doença chegou a ser tema de audiência entre um importante deputado com o presidente José Sarney, que, por vários minutos, manifestou interesse em saber das formas de se contrair a Aids e nas chances de cura dos tratamentos atualmente dispensados às vítimas. O parlamentar sugeriu ao Presidente que o Governo mande instalar três centros nacionais para o tratamento dos doentes e financie pesquisa nas principais universidades brasileiras. O diretor do serviço médico da Câmara, Renault de Mattos Ribeiro, informou não ter promovido convênio com instituição espe-

cializada no tratamento da Aids. Qualquer um dos 487 deputados e dos milhares de funcionários da Câmara que se tornar aidético e tiver de ser hospitalizado irá para o Hospital de Base de Brasília. “Até hoje não descobrimos a cura da doença. Tratamento faz lá” — explicou com frieza profissional Renault. Ele lembrou que o técnico-legislativo adjunto, Ademir Gomes da Silva, 39, morreu na semana passada com Aids no HBB.

Homossexual convicto, Ademir era antigo funcionário da Câmara, lotado na seção de Taquigrafia. Após sua morte pelo menos seis colegas de trabalho — todos heterossexuais — que mantinham um relacionamento mais íntimo com o técnico se submeteram a exames de sangue para verificar se tinham contraído ou não a Aids. Ninguém tornou-se aidético. Uma senhora, que preferiu não revelar o nome, confessou que bebia água no copo de Ademir e, eventualmente, “filava” algum pedaço de fruta que o técnico estivesse comendo. Visível e compreensivelmente aliviada, ela disse que o teste deu negativo.

O pavor pela doença também alcança os médicos. Cid Nogueira admitiu que quando vai realizar uma cirurgia, procura saber se o paciente é aidético e se o sangue a ser utilizado numa transfusão sanguínea está contaminado. Líderes partidários, senadores e deputados se assustam só em ouvir falar de Aids. E não é para menos. A maioria dos 599 parla-

mentares vem passar a semana em Brasília sem suas esposas e saem pela noite em companhia de outros colegas farristas.

Alguns desses deputados e senadores farristas desistiram de sair com qualquer mulher como faziam. Muitos deles preferiram arrumar amantes fiéis, as quais mantêm, ou para quem arrumaram empregos. Uma minoria desconhece os riscos de contrair a doença e mantém inalterado seu comportamento sexual. A estimativa de órgãos oficiais é de que pelo menos 500 mil brasileiros já estejam contaminados com o vírus da Aids, o que torna o Brasil o terceiro País tanto em casos constatados como em número de aidéticos. O diretor do serviço médico do Senado explicou com tranquilidade: “Olha, o cara trabalha aqui no Congresso por seis, oito horas por dia. Ele não pega Aids sentado na cadeira trabalhando”.

No Congresso há os parlamentares especialistas em direito, os em educação, energia nuclear, economia, direitos trabalhistas e em muitas outras áreas. Contudo, todos são profundamente especializados em Aids. Cada um tem sua teoria própria. Ontem, um deputado pedesta, por exemplo, comentava: “Eu li numa revista que quem manteve relações sexuais extraconjugais nos últimos cinco anos corre risco de se tornar aidético. Ai eu parei e fiquei me lembrando: com quem foi que eu saí nesses últimos anos mesmo...”. O deputado José Genoíno (PT-

SP), solteiro, confessa estar assustado com os comentários sobre a doença e admite: “Aqui no Congresso também a paranóia está no ar”. Por sua vez, indagado sobre a ocorrência de aidéticos entre seus colegas, o deputado Alcei Guerra (PFL-PR) brinca: “Você quer saber os potencialmente aidéticos ou os aidéticos?”

Extremamente propenso aos boatos, o Congresso revela muitas histórias pelos corredores. Há a que conta que um deputado da Frente Liberal que regressou há poucos dias de viagem do exterior e está muito magro e com olhar cansado vem sendo evitado pelos seus colegas de partido e os demais parlamentares. Um parlamentar jura que muitos de seus companheiros devem ter-se tornado portadores da Aids. Ele garantiu que uma mulher que fazia, à tarde, ponto no cafezinho e, à noite, num dos mais badalados restaurantes da cidade e, que saiu com dezenas de deputados, está no Hospital Emilio Ribas, em São Paulo.

Um termômetro do temor dos parlamentares é o cafezinho da Câmara. Até o ano passado e mesmo no início deste ano, era fácil marcar um encontro com as muitas mulheres que faziam ponto no local. Por volta das dez horas era difícil encontrar alguma sobrando. Entretanto, o medo da Aids foi tornando raros os fregueses e hoje é difícil encontrar uma prostituta no local, apesar de ainda frequentar o cafezinho na busca de fregueses uma antiga cafetina.